



Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

PROPAGANDA LIBERAL

SERIE PARA O POVO

Terceiro opusculo

ELEIÇÕES LIBERAES

E

ELEIÇÕES CONSERVADORAS

POR

JOAQUIM NABUCO

Preço 200 réis

RIO DE JANEIRO

TYP. DE G. LEUZINGER & FILHOS — RUA D'OUVIDOR. 81

—
1886

O primeiro opusculo— *O Erro do Imperador* e o segundo— *O Elypse do Abolicionismo* a 200 rs. nas livrarias. A edição está quasi esgotada.

A APPARECER :

A Prostituição Eleitoral A Perseguição dos Escravos Porque continuo a ser Liberal A Nova Camara

Do mesmo autor, á venda na casa G. Leuzinger & Filhos, rua do Ouvidor 31 e 36:

O Abolicionismo, um volume de 260 paginas, impresso em Londres.

Estudo sobre a escravidão brasileira, sua historia, sua illegalidade, suas influencias sociaes, brochado 2\$000, encad. 3\$000.

A Campanha Abolicionista no Recife, um volume de 200 paginas. Serie de doze conferencias feitas no Recife em 1884, no Theatro Santa Isabel e na praça publica, com um prefacio por Annibal Falcão, 2\$000.

Aviso.

As casas que quizerem ser agentes d'esta publicação mediante uma commissão de 30^o/_o e a condição de não vender o opusculo por mais de 200 réis na Côrte e Niteroy e 300 réis nas provincias queiram communicar com a empreza. Cada um dos opusculos publicados será enviado pelo correio a quem o pedir remettendo-nos um sello de 200 réis. Recebem-se annuncios.

Escriptorio da *Propaganda Liberal*: rua da Quitanda n.º 19.

Eleições Liberaes e Eleições Conservadoras

Durante as eleições a que presidiu o Sr. Dantás havia n'esta cidade uma folha Conservadora, reputada órgão do Partido, e redigida pelo Sr. Belisario, o *locum-tenens* do Sr. Paulino; antes das eleições havia um Senado no Senado, o Sr. Correia. D'ahi toda a differença entre o que se disse das eleições Liberaes e o que não se disse das Conservadoras. É a mesma historia da ordem publica perturbada, de que se serviam a proposito das vaias celebres dos Srs. Morêira de Barros e A. de Siqueira, os Conservadores que tinham animado as apupadas do ministerio Sinimbú e o Sr. Martinho Campos, que teria tomado parte n'ellas, como declarou, se não fosse deputado. O que não teriam elles dito se o Rio de Janeiro tivesse passado pelas scenas recentes de que Londres foi theatro e a multidão houvesse quebrado as vidraças nas principaes ruas e saqueado as lojas?

Com o *Brazil* e o Sr. Correia, o minimo facto que se passava, ou não se passava, nas Provincias, era augmentado quanto fosse preciso para impressionar o Imperador, para quem o jornal era exclusivamente escripto. Tudo era engrandecido ao ultimo ponto da sensibilidade Imperial, ouvindo-se assim diariamente um côro de imprecações contra o Ministerio e os Presidentes, ao qual não faltava uma só nota humilhante e

ferina. O eminente escriptor Abolicionista, o Sr. G. Lobo, que havemos sempre de reivindicar como homem nosso e que foi o principal confidente, animador, e advogado do Sr. Dantas, sabe melhor do que ninguem, por ter sido uma das victimas do *Brazil*, o que foi essa campanha.

Uma vez, por exemplo, o partido Liberal de Goyaz lembrou-se de adoptar a candidatura de Ruy Barbosa, que nos era indispensavel na Camara e que estava em perigo na Bahia pelo dinheiro do Trafico. Qualquer Partido bem governado, que sabe o que quer, e tem fins nacionaes, trata de garantir a presença na Camara dos seus primeiros homens. É assim que se faz na Inglaterra, como na França, na Italia, como na Hespanha. Um orador e um Parlamentar que em qualquer outro paiz se achasse para com o seu Partido na mesma relação em que Ruy Barbosa está para com o d'elle no Brazil, isto é, que fosse um dos seus tres ou quatro maiores vultos na Camara, não ficaria uma só Legislatura fóra do Parlamento enquanto o Partido dispuzesse de alguns logares certos. No emtanto, desde que Goyaz mostrou-se Liberal bastante para querer dar uma grande voz ao Liberalismo Brasileiro, cahiu uma nuvem de flechas sobre o Sr. Dantas, accusado de resuscitar as candidaturas officiaes e de enxertar na eleição directa os peores vicios da antiga. E isso provavelmente era escripto pelo Sr. Joaquim Mattoso! Eu lhe faço a justiça de crer: se elle hoje comparar a sua carreira politica e a sua réputação nacional com a de Ruy Barbosa, aquelles artigos hão de parecer um laço de enforcado, suspenso da sua eleição pelo Espirito-Santo.

Deram-se os factos de S. José, no Recife. Não houve epitheto injurioso que um Partido, cujas eleições de sangue não têm conta, nos não atirasse por ter sido morto n'um conflicto com o povo um cabalista Conservador que sempre fez das eleições de S. José um combate á mão armada, rodeando-se de homens dispostos para tudo, e que duas vezes

n'esse dia fez recuar a enorme multidão popular que penetrou na Igreja, atirando sobre ella e sobre José Marianno. Aquelles factos, que tiveram no mais alto grau o character do imprevisto, mais ainda, do que é impossível de prever, surprehenderam a todos; ninguém os esperava como desfecho de uma lucta travada na tribuna, em discursos que eram sómente appellos aos sentimentos de humanidade, quando nenhum Liberal fôra armado ás urnas. Em toda a cidade nem um só Abolicionista imaginou que se pudesse derramar uma gotta de sangue.

No emtanto a tragedia eleitoral de S. José foi explorada pelos Conservadores de todos os modos e em todos os tons. E hoje o que dizem elles da outra tragedia de S. José do Tocantins, esta porém official, premeditada, executada pela força publica alli mantida pelo Sr. Cruz, — um Paraense que se transportou do Pará a Goyaz nas férias Parlamentares sómente para dar conta d'essa triste missão, — para eleger a ferro e a sangue o filho do Sr. Andrade Figueira, usando dos Comblains do Governo, já que não era praticavel o roubo dos livros da eleição como em Jaraguá? Imagine-se um facto d'esses na eleição de Ruy Barbosa, e a physionomia do Sr. Andrade Figueira no dia em que se tratasse d'ella na Camara! Mas mesmo um Catão não é obrigado a ser um Bruto.

Os Liberaes, porém, ou porque não tenham espirito colectivo, ou porque não estejam dispostos a chorar em publico, qualquer que seja a explicação, — e talvez a verdadeira seja a crença de que, assim como os Conservadores subiram, elles tambem hão de subir quando lhes tocar a vez (o Imperador tem sido muito igual ultimamente na partilha do poder e ha de chegar á perfeição de fixar o periodo de cada Partido em quatro annos, como o de uma Presidência de Republica, para evitar desgostos), os Liberaes, dizia eu, deixaram correr as ultimas eleições sem um jornal n'esta cidade que servisse de fóco reflector dos sentimentos do Partido em cada localidade. Nenhum dos nossos Senadores prestou-se a representar

o papel do Sr. Correia; cada um d'elles annullou-se tão bem na direcção geral, que assistimos a uma verdadeira grêve de chefes, a uma batalha sem generaes.

O Partido Liberal, com effeito, com todos os Presidentes do Conselho que teve e successivamente derribou, parecia a imagem de um decapitado, cheio de vida, a procurar no cesto da guilhotina uma cabeça que lhe servisse, e achando umas muito pequenas e outras muito grandes. Esse factó, entretanto, de não termos, como tivemos nas eleições de 1872 com *A Reforma*, o Centro Liberal, e a Commissão Permanente do Club da Reforma, e como os Conservadores tiveram em 1884 com *O Brazil*, uma agencia central para receber e magnificar as impressões transmittidas das Provincias, tem sido explorado pelos Conservadores, que se gabam de terem ganho muito legitimamente as eleições, oppondo-as ás do Sr. Dantas, por não ousarem ir até ás do Sr. Saraiva. Ha entretanto muito que dizer sobre isso, muito mais do que este opusculo poderia conter.

*
* *

Uma das minhas primeiras observações a respeito é o contraste entre a opposição Conservadora eleita sob aquelles dois Ministros Liberaes e a opposição Liberal eleita sob os Conservadores. Não é só no numero dos eleitos, é na qualidade d'elles que se pôde estabelecer bem a differença dos resultados obtidos.

A primeira Camara da ultima situação Liberal, a de 1878, é unanime, como fôra unanime a primeira Camara da ultima situação Conservadora, a de 1868. Mas isso pertence á conta da eleição indirecta. Com a eleição directa, o primeiro resultado é: uma forte opposição Conservadora de mais de um terço da Camara, composta dos principaes homens escolhidos pelo Partido (seria difficil apontar um que tivesse ficado de fóra); e uma fraca maioria Liberal da qual não conseguiram fazer

parte mesmo ministros, e muitos dos mais notaveis deputados da Legislatura anterior.

D'esse modo o partido Liberal soffreu nas eleições-Saraiva um revez duplo: o de ver eleita a Opposição em numero para derrotar successivamente todos os ministerios do Partido (n'uma Camara Brasileira de 122 membros 40 era numero mais do que sufficientê para isso); e depois, o de ver a sua maioria formada ao acaso, sem muitos dos elementos Liberaes de combate e de opinião, enfraquecida moralmente por esse mesmo factó, e obrigada a tomar a defensiva, quando o seu papel era o da offensiva mais ousada e resoluta. O Sr. Saraiva tinha dito que o seu maior desejo era ver no Brazil um ministerio ser derrotado nas eleições. Esse era um modo perigoso, mas patriotico, de expressar a humilhação com que nós Brasileiros viamos cada governo ir pedir venia a S. Christovam para eleger a Camara que quizesse. Entretanto a aspiração do Sr. Saraiva foi satisfeita. Sob o Sr. Dantas, os Conservadores, com os Dissidentes, fizeram a metade da Camara, e dos seus homens mais notaveis, só perderam, por má collocação, o Sr. Ferreira Vianna, ao passo que o Primeiro Ministro não só viu a Opposição eleita chegar quasi ao nivel da maioria, mas também, como o Sr. Saraiva, muitos dos seus melhores auxiliares vencidos nas urnas.

D'esta vez a Opposição liberal elege, digamos, vinte e seis ou vinte e sete deputados, mas n'essa pequena minoria ha também a considerar, como eu disse, a qualidade e as circumstancias. Quasi todos são eleitos em districtos onde os Conservadores não tinham candidato importante. Isso não quer dizer que não fossem empregados contra muitos d'elles os ultimos recursos do governo. Cada candidato julgava a sua eleição a principal, e como os recursos officiaes foram postos á disposição de cada um no seu districto, um desconhecido talvez desenvolvesse maior compressão do que um dos altos personagens. Não quero descer agora á analyse da minoria Liberal; basta-me dizer

que em parte, pequena, ella foi eleita de accordo com o partido Conservador; em parte, maior, ella se compõe de antigos Dissidentes que fizeram causa commum com os Conservadores até collocal-os no poder, e sómente em uma fracção, c'la representa o espirito Liberal e está prompta a dar combate aos Conservadores no terreno Abolicionista.

O contraste resume-se assim. Nas duas eleições Liberaes: grandes minorias Conservadoras — um terço na primeira, dois quintos na segunda — compostas de todas as notabilidades do Partido; eleições ganhas por este onde o Governo tinha poderosos meios de acção, como n'esta cidade e em muitas capitães de Provincia; seus homens mais rancorosos e mais capazes de fazer mal, todos eleitos, Ministros derrotados, e com elles os auxiliares indispensaveis do Governo. Na eleição Conservadora: unanimidade em grandes provincias, cem Conservadores, todos os homens de valor, real ou supposto, triumphantes; e da pequena minoria Liberal, rarissimos eleitos contra os desejos intimos do Governo (está visto que os Srs. José Marianno e Cesario Alvim estão n'este numero), diversos eleitos com a sua sympathia, e alguns até com o seu apoio.

*
* *

Mas um Conservador que eu chamasse a dialogar commigo n'estes Opusculos, poderia dizer-me: — « Que ha mais natural? Se em opposição nós tivemos esses algarismos que nos forneceis, do que termos agora a unanimidade virtual? Se no ministerio Dantas chegamos a eleger perto da metade, como podiamos agora ter impedido, mesmo se quizessemos, a eleição de quasi *toda* a Camara? A força que mostrámos ter, em opposição — e em opposição é que se conhecem os elementos reaes dos Partidos — accrescente-se a força do governo, e o resultado só não coincidirá com o obtido, porque perdemos muitas eleições que deviamos ter ganho. »

Nem eu estou dizendo o contrario, nem ainda affirmei

que respeitada. o que entre nós se entende por liberdade eleitoral, e que é somente a exclusão de certas espécies de pressão, talvez as menos illegitimas, os Conservadores não teriam ganho como ganharam.

A minha these é outra, e é que se os Liberaes tivessem feito no Governo o que os Conservadores acabam de fazer, nunca teriam perdido as eleições que quizessem ganhar.

Sem duvida o partido Conservador, eu sou o primeiro a reconhecê-lo, tem todas estas vantagens sobre nós: de ser um partido disciplinado, organizado, ambicioso, previdente, paciente, autoritario, palaciano, escravista, rico e sceptico.

Com a disciplina elle faz *o que nós não fazemos*: garante a eleição dos seus melhores homens, (por isso mesmo a composição da nova Camara é suggestiva da decadencia intellectual da olygarchia do Partido, onde elle foi mais rico de talento, a Bahia, Pernambuco, em geral o Norte) collocando-os onde ha mais segurança, e marcha todo com um espirito de passividade, que seria uma virtude se não fosse um calculo. Os Liberaes, ao contrario, são dilacerados por dissidencias intestinas, por invejas e descontentamentos, alem de sua rebeldia natural, e os Conservadores, Partido muito pouco susceptivel á seducção de fora, sabem fazer vibrar esse teclado de paixões propriamente democraticas com uma superioridade inimitavel de intriga.

Com a organização, elles têm unidade de commando e hierarchia nas Provincias. A ambição fal-os todos interessarem-se nas eleições como em questão de vida e de morte, ao passo que muitos Liberaes só tomam interesse n'ellas quando são candidatos; a previdencia os leva a prepararem com antecedencia a lucta; e a paciencia a não fazerem inimigos emquanto em opposição dos que os não acompanham a primeira vez. O espirito de autoridade lhes dá a maior de todas as vantagens: a tradição governamental, a identificação constante com o governo. Palaciano, o partido pôde sempre garantir que dentro de pouco

estará no poder ; escravista, elle tem o apoio cordial e a confiança da escravidão, isto é, da Terra ; rico, elle possui talvez o mais consideravel elemento de nossas eleições, o dinheiro, tão consideravel que merece bem ser tratado á parte ; e, por fim, sceptico, não tem os terriveis impedimentos de principios e de compromissos, prompto como está sempre a governar com as mesmas idéas contra as quaes tiver ganho as eleições.

Eu admitto todas essas vantagens, no eleitorado actual, censitario e escravocrata como está constituido, e não podia deixar de estar, o nosso. Mas desde que, *apesar de tudo*, a principal, a primeira força no paiz é o Governo, a Idéa do Governo, os Conservadores não teriam tido as minorias que tiveram se o paiz não fosse levado a acreditar que elles iam subir.

Essa foi nas eleições de 1881 e nas de 1884 a causa *principal*, — a Escravidão vindo logo depois, e as duas juntas explicando todo o successo, — das grandes victorias ganhas pela Opposição. Mesmo fóra do governo, era com o prestigio do governo que elles venciam. Os eleitores sabiam que o partido Conservador, sendo o partido do Imperador, e ao que parece da Princeza Imperial tambem, — um pequeno signal d'isto, entre parenthesis, é que o Imperador só sae do Imperio e a Princeza só acceita a Regencia quando os Conservadores estão no poder, — tinha que subir muito breve desde que havia tocado ao limite da paciencia, e ameaçava a Dynastia com a Republica Conservadora — o ideal do Esclavagismo. Foram por um lado o medo da vindicta Conservadora, e por outro a certeza que dos Liberaes não havia que temer, porque elles não ajustam contas eleitoraes, as causas que deram á opposição o numero de votos que ella obteve nas duas eleições Liberaes. Essas eleições não expressaram outra coisa senão a pressão dos senhores de escravos e as dependencias dos empregados publicos. Foi a *colligação* dos que tinham escravos que perder e dos que tinham empregos que perder ou ganhar.

Os Liberaes n'esse terreno não podiam lutar com os seus adversarios; o seu codigo de moral e de justiça era outro.

Nas eleições de 1881 o Presidente do Conselho, para justificar a sua lei, estava interessado em perdê-las! Nas de 1884 o Ministerio vivia, vigiado attentamente pela alta policia, feita pelos Conservadores, do Imperador, o qual entendia que a escravidão devia ter a liberdade de espalhar o terror e de exercer a compressão, até da fome, entre os eleitores pobres, mas que o Governo não devia ter nem mesmo a liberdade de mostrar-se empenhado na victoria da sua causa. D'esta ultima vez porem o Imperador só tinha um interesse: mostrar que não se enganára, que o paiz desejava o golpe de 19 de Agosto, que a anarchia moral tinha chegado ao auge sob o Sr. Dantas, que essa fôra a verdadeira causa da quêda do cambio e do mal-estar de nossas Finanças, e que a Monarchia e a Escravidão unidas não receiavam a bancarrota.

* * *

A verdade, porem, é que as eleições Conservadoras só differiram das Liberaes, porque n'estas o Governo, ou espontaneamente ou á força, deixou predominar no paiz a impressão de que os seus adversarios iam subir, e n'aquellas o Governo produziu a impressão contraria. O Imperador, por exemplo, quando a causa dos escravos estava em jogo, negou ao Sr. Dantas os Presidentes que elle preferia, excluindo com um *voto* preliminar das presidencias os deputados. Agora os Presidentes são quasi todos deputados, isto é, eram candidatos que puzeram em pratica o systema da eleição mutua, do « Elege-me tu que te elegerei eu. » Ás forças corruptoras do dinheiro e dos privilegios em livre acção n'um paiz onde não ha lei nem justiça, foram accrescentadas as forças corruptoras do governo, e o resultado foi que a eleição directa chegou, em uma só prova Conservadora, a ficar tão moralmente morta como estava a indirecta. Não é mais essa arma que

servirá para ganhar nenhum combate popular; d'ora em diante ella só pode prestar para garantir as candidaturas officiaes.

O abolicionismo, para desenvolver-se e prosperar precisava ser animado pelos poderes Publicos, precisava, no periodo do crescimento, da protecção do Estado: o Imperador entendeu que era preciso pelo contrario abafal-o no nascedouro. A eleição directa tambem, para produzir a independencia no eleitorado e tornar-se depois de longas experiencias um indicador seguro da opinião, precisava ser protegida muito tempo pela honestidade do governo.

Tivemos as eleições do Sr. Saraiva, em que o eleitorado votou certo de que o governo se abstinha. Essa independencia dos eleitores consentida e animada pelo governo não era verdadeira independencia, porque só é independente, quem o é contra a vontade de todos; mas era o começo de uma tradição no poder — a da abstenção — que, se fosse praticada durante annos seguidos com o mesmo espirito, crearia por fim aquella independencia.

O Imperador parecia ser d'esse pensamento, identificando-se com o principio absoluto da não intervenção, sob os ministerios Liberaes, desde porem que subiram os Conservadores S. M. não quiz mais esse ingrato papel de fiscal da Opposição, e deixou os Conservadores lançarem a eleição directa de uma vez para sempre no guarda-roupa da Monarchia, onde ella servirá ao lado das outras alfaias Constitucionaes de comedia, para a scena, de quatro em quatro annos, do primeiro acto do nosso *Governo Livre*.

Haverá alguem entretanto que acredite que o Brasileiro é Conservador? A julgar pela nova Camara, com rarissimas excepções, o povo Brasileiro é tão Conservador que n'elle são Conservadores até os Liberaes.

A verdade é exactamente o contrario: a nação Brasileira é mesmo physiologicamente fallando, uma das mais liberaes que existem. A prova do seu liberalismo está no seu tempe-

ramento tão profundamente democratico — e n'isso somos o unico povo no mundo — que no Brazil todos são eguaes.

A actual Representação Nacional é assim uma mentira scientifica, como é uma simulação politica, e, fazer d'ella, que é a Escravidão elegendo-se a si mesma e *nada mais*, o povo Brasileiro, é o mesmo que representar pela nossa enfermidade mortal o paiz que ella está decompondo.

Mas, descendo á historia das eleições passadas, eu darei n'um proximo Opusculo, o meu depoimento individual sobre o que tenho visto da eleição directa. Se todos os que em outros logares observaram tambem de perto essa funda e terrivel chaga nacional — a Prostituição do Voto — fizerem como eu, a historia poderá melhor avaliar a degradação a que *tudo* que se relaciona com o governo, vai sendo reduzido n'este paiz sob um regimen social caracterizado por muitas das mesmas fraquezas, cobardias, indifferenças e vicios que nos fazem desviar os olhos da historia do Baixo Imperio. Felizmente, nós somos uma nação nova, e o nosso povo, que está ainda no segundo plano, é em politica uma força intacta e desconhecida.

Querer fazer passar essa eleição pela expressão legitima da vontade e da opinião d'esse povo todo de Escravos e de Servos, cujos soffrimentos não se crystallisaram, cujas aspirações têm apenas lampejos prematuros, cuja alma tem todas as virtudes do trabalho, da honestidade, da paciencia, da gratidão, do patriotismo, mas á qual falta a consciencia da força e do direito... é como se a velha Cloaca Maxima de Tarquinio, rompendo o subsolo do Forum, nos grandes dias da Roma Republicana, quizesse confundir-se com a Via Sacra.

REGISTO POLITICO

20 de Março de 1886.

O grande emprestimo

O Sr. Belisario não estava dormindo sobre a sua pasta o somno que se suppunha e acaba de surprehender o mundo exterior com um emprestimo contratado com os Rothschilds, de 6.000.000 de libras, emittido a 95, com o juro de 5% e a amortização de 1%, reduzindo a commissão dos banqueiros a 1%.

A operação nas condições actuaes do Thesouro e feita para pagar juros aos proprios Inglezes é por certo significativa do credito do Brazil em Londres, tanto mais quanto se falla, o que a ser exacto foi sem duvida communicado aos negociadores, de outro emprestimo interno mais ou menos proximo. O facto de estarem os Conservadores no poder e o partido que elles hão de ter sabido tirar d'isso, promettendo não cahir mais, fazer o contrario dó que fizeram os seus antecessores, ter administrações duradouras, realizar a conversão do papel-moeda e praticar economias implacaveis, dando tambem por finda a questão servil, outras tantas mentiras cada qual maior, explicam em parte a solida confiança dos Inglezes em nossa divida externa.

Os grandes planos dos ministros da Fazenda, impossibilitados pelo Imperador, pelos outros ministros, deputados, eleitores, empregados e interessados de todas as classes, de equilibrar o orçamento, diminuindo a despeza, ou de amortizar

a divida e de alterar o systema tributario, reduzem-se entre nós a emprestimos. É em tomar emprestado que elles podem mostrar a sua habilidade financeira e edificar a sua reputação. Um ministro n'essas condições que acha quem lhe empreste milhões esterlinos a 5% com um desconto apenas de 4% deve considerar-se muito feliz. Mas não basta ao Governo mandar os seus escriptores repetir que o credito Conservador não é o credito Liberal, o que é falso e sómente prova que elles, no estrangeiro mesmo, desacreditam os seus antecessores para serem tidos por melhores do que elles. Agora o Governo está mandando elogiar o credito Conservador á custa do credito da Republica Argentina, o que pelo menos é de mau gosto.

O serviço do Payo

No dia 14 foram nomeados nada menos de vinte e seis veadores, fornada de que não havia memoria n'esta geração. Entre elles estão diversos homens politicos, ex-ministros e dois de posição de chefe de partido, que entre nós occupam diversos a um tempo, os Srs. João Alfredo e Affonso Celso. Parecia que depois do exemplo do Sr. Correia estava fixado no Brazil o principio de que os cargos da Casa Imperial são incompativeis com as posições politicas e

muito mais com as democraticas. Se o Conselho de Estado incompatibiliza para a advocacia como entenderam os Srs. Dantas e Affonso Celso, ainda mais deve incompatibilizar o Senado para o serviço doméstico do Imperador. A importancia das nomeações é que ellas parecem significar a revivencia do Monarchismo (o que é muito diverso de monarchia) que parecia tão morto na America como o proprio Monachismo.

No proximo opusculo occuparme-hei d'esse phenomeno extranho de sobrevivencia do passado.

O Imperador e os escravos

A Camara Municipal d'esta cidade libertou, em honra ao anniversario natalicio da Imperatriz, festa a que os Brazileiros estão adherindo cada vez mais, 179 escravos. N'essa occasião o Imperador disse, segundo a versão do *Paiz*: «Sei que não tenho muitos annos de vida, mas espero não morrer sem ver terminada a escravidão no Brazil»; e segundo a versão do *Diario de Noticias* « Sua Magestade declarou que teria immenso prazer em ver realizado aquillo que o Sr. Presidente da Camara havia dito no seu discurso » — o qual fôra muito abolicionista — « mas que o seu estado de saude era tal que suppunha não chegar a ver a abolição dos escravos no Brazil. » E' a primeira vez que o Imperador faz uma allusão a enfraquecimetto, todos o considerando ainda muito forte. Eu já alludi ao fim do reinado como provavel n'estes dez annos, mas foi suspeitando no Imperador o desejo de descansar, como Diocleciano, que abdicou o Imperio para plantar legumes, depois de ter vivido toda a vida como rei, morrer como um simples particular. Mas ninguem sabe o tempo que ha de viver, e o que o Imperador julga ser a approximação do

fim não é talvez senão a primeira revolta do organismo fatigado por uma vida toda de cerimonia de mais de sessenta annos. Os soberanos desde que nascem vivem sob a acção da pragmatica. Infelizmente o Imperador pôde ainda viver muito sem ver acabada a escravidão, que elle mesmo ainda não julga chegado o momento de abolir, não sabendo talvez que encontraria para fazel-o o mesmo concurso e dedicação do povo Brazileiro, que teve seu Pae, quando quebrou a corôa de que era herdeiro para ser o primeiro rebelde da nossa Independencia.

Joaquim Serra

Já que o governo está mandando injuriar o redactor dos *Topicos do Dia* é preciso que todo bom Liberal dê para bens ao *Paiz* pela felicidade com que elles são escriptos. Na imprensa d'esta cãpital, quasi toda Republicana, os *Topicos do Dia* são a nota vibrante do Liberalismo adeantado, e está na consciencia de todos que nenhuma outra tem mais elevação, nem é mais sympathica ao povo, do que essa. Nas provincias os *Topicos* são lidos por todos os Liberaes como um protesto sempre renovado do Partido contra as traições que o perderam, e das quaes foi tão difficil salvar, como o sr. Dantas salvou, a honra da bandeira.

Ao antigo escriptor dos *Boatos na Reforma* e chronista na *Folha Nova*, estava reservado o privilegio de revelar os lados mais sérios e mais notaveis do seu talento. em edade senatorial, ao ver-se unico representante do seu partido na imprensa da Capital. O progresso do escriptor politico em Joaquim Serra, depois que elle escreve n' *O Paiz*, é uma revelação mesmo para aquelles que mais o admiravam. A fertilidade de recursos, a penetração do olhar, a vivacidade da phrase, a rapidez

dos golpes, a associação das idéas, a riqueza das reminiscências, a alegria de espirito, a concisão limpa e perfeita de expressão, e a leve firmeza do traço, essas qualidades que juntas fizeram d'elle um escriptor unico em todo o nosso brilhante jornalismo, são sempre as mesmas, e estão em pleno desenvolvimento; mas além d'essas, elle está revelando n'*O Paiz* outras que ninguem lhe conhecia n'esse gráu eminente: um conhecimento exacto de todas as nossas grandes questões, uma elevação de ideal politico verdadeiramente humanitario, a fidelidade de identificar-se com o povo e de pensar por elle (que é o dom supremo do jornalista) e por fim uma independência de espirito e uma incorruptibilidade de sentimento no meio de todas as sollicitações em contrario da sociedade em que vivemos, que fazem do scintillante espirito de sempre um pensador social e um character publico, e o levantam á posição que elle hoje occupa, de um dos creadores da opinião. A unica falta que me parece ainda descobrir n'elle para ser tão util na imprensa quanto *póde* ser, é não possuir inteira confiança em si. Mas esta ha de nascer da autoridade mesma que elle está rapidamente adquirindo no paiz.

O Sr. Taunay no Senado.

A morte do barão da Laguna abre uma vaga no Senado e o partido Conservador ha de ver-se embaraçado ao formar a sua lista triplíce por Santa Catharina. Não será por falta de homens, mas pela posição especial do principal candidato. É evidente que nenhum chefe Conservador veria com bons olhos a escolha do Sr. Taunay, porque, illogicamente Conservador hoje, elle é um Conservador tavel, com o qual não se póde con-

tar, dada uma pressão forte da opinião. Nenhum dos Chefes estimeria ver a fornada Senatorial da Situação começar por um *novo*, suspeito de Liberalismo, inclinado á independência, e vergonhoso de pertencer ao grupo tardigrado. O mais interessante é que a provincia de Santa Catharina foi invadida por intrusos que vão se julgar incompatíveis entre si: nem o Sr. Taunay póde querer na chapa o Sr. Pinto Lima pela regra geral do Impezador, de escolher ex-ministros em qualquer estado de decomposição que se achem (sem referencia, que eu não faria por esta fórma, ao Sr. Pinto Lima), nem o *Carpet-bagger* Bahiano póde querer na chapa o Sr. Taunay, autor da magnifica *Retirada da Laguna*, official do nosso exercito do Paraguáy, escriptor de talento, e sobretudo encarnação de uma serie de idéas novas, mais populares talvez do que quaesquer outras nas provincias do Sul e em todo o mundo da Immigração. Está visto que a escolha do Sr. Taunay seria infinitamente mais sympathica do que a de qualquer outro Não-Catharinense Conservador, e o Imperador, que, se perdesse esta occasião, não teria provavelmente mais a fortuna de escolher senador o Sr. Taunay, ha de se inclinar alem do mais pelas tradições monarchicas da familia Taunay á escolha. Se a fizesse, escolheria uma individualidade, e não um homem « que fez o que qualquer outro teria feito no logar d'elle. » O futuro politico do Sr. Taunay é um enigma. Elle diz-se Conservador por insinceridade de espirito, mas uma vez Senador, isto é, obtido tudo que podia esperar do partido no qual se alistou talvez por fascinação pessoal pelo Visconde do Rio Branco, elle trataria de regularisar-se com as suas idéas creando um schisma Liberal na velha Synagoga.

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).